

## Práticas pedagógicas musicais durante o ensino remoto emergencial no contexto de duas escolas públicas: um relato de experiência

### Comunicação

#### GTE 11 – Ensino de Música nas Escolas de Educação Básica

*Laisla Cristina Lamin*

*Universidade Estadual do Paraná  
laislacristina14@gmail.com*

*Berenice Marie Ballande Romanelli*

*Instituto Federal do Paraná  
berenice.romanelli@ifpr.edu.br*

**Resumo:** O presente artigo apresenta reflexões acerca da atuação docente durante o ensino remoto emergencial causado pela Covid-19, tendo como recorte a experiência da autora deste trabalho que atuou como professora de música nos anos iniciais do ensino fundamental da rede municipal de Balneário Camboriú (SC) durante o contexto em questão. As atividades descritas em formato de relato compreendem a realidade de duas escolas públicas da cidade com perfis socioeconômicos distintos. Em um cenário em que as escolas estavam fechadas e os estudantes receberam as atividades escolares em diferentes formatos, os professores tiveram que lidar com as adversidades e adotar diferentes estratégias pedagógicas para manter as atividades escolares mesmo em período de isolamento social. Diante disso, o que o artigo pretende responder é: de que forma o profissional docente da educação musical lidou com as possibilidades pedagógicas durante o ensino remoto emergencial considerando o contexto de duas escolas públicas socioeconomicamente distintas do município de Balneário Camboriú? Por fim a pesquisa revela inúmeras dificuldades enfrentadas pelos profissionais docentes no período pandêmico e pela falta de recursos da estrutura educacional em lidar com elas. Além disso, foi possível notar a desigualdade na qualidade do ensino ofertado entre as escolas relatadas.

**Palavras-chave:** Educação Musical. Escola Pública. Ensino Remoto Emergencial.

## Introdução

No dia 11 de março de 2020, o mundo acompanhou o pronunciamento do diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, que declarava um estado de pandemia devido ao novo coronavírus (OPAS, 2020). Com a finalidade de criar uma medida de contenção sanitária logo no estágio inicial da pandemia, estados e municípios tomaram medidas de prevenção, sendo algumas delas ligadas à educação. O município de Balneário Camboriú<sup>1</sup>, no estado de Santa Catarina, decretou no dia 16 de março de 2020, o comparecimento nas aulas como facultativo para o corpo discente. Dois dias após o decreto, as aulas foram suspensas em toda a rede municipal de ensino.

Nos grupos de *WhatsApp*<sup>2</sup> das escolas era possível notar a preocupação para dar continuidade ao ano letivo e uma solução temporária estava sendo discutida pelos gestores educacionais. As decisões tomadas eram sempre repassadas para a comunidade escolar por meio de informativos, *lives*<sup>3</sup> ou por meio do site oficial da prefeitura. Com uma vasta equipe organizando a plataforma educacional digital, na manhã do dia 31 de março professores de toda a rede municipal de ensino precisaram se adaptar às exigências vindas da secretaria municipal de educação. O informativo que foi publicado no portal oficial da prefeitura de Balneário Camboriú comunicava o seguinte:

O conteúdo *on-line* para alunos do Ensino Fundamental será o mesmo para toda a Rede de Ensino. Contudo, o professor terá a liberdade para planejar as atividades no *google classroom*, respeitando as particularidades das turmas e individualidade de cada aluno. Os professores irão convidar os alunos para participar das “salas virtuais” via e-mail e as aulas poderão ser acessadas via *tablet*, computador ou celular (Prefeitura de Balneário Camboriú, 2020, n.p.).

Para cumprir com as exigências dos documentos normativos, nós, professores, buscamos estratégias para dar continuidade ao ano letivo, mesmo na incerteza e com pouco suporte e recursos para entender as plataformas digitais. “[...] passamos a trabalhar em casa e

---

<sup>1</sup> Balneário Camboriú é um município localizado no litoral norte de Santa Catarina com uma população estimada de 149.227 habitantes (IBGE, 2021).

<sup>2</sup> *WhatsApp* é um aplicativo de compartilhamento de mensagens instantâneas disponível para celulares. Durante o período de pandemia o *WhatsApp* se tornou um recurso de comunicação entre profissionais docentes e gestores das instituições de ensino.

<sup>3</sup> *Live* em português significa “ao vivo”. No contexto digital se trata de uma transmissão simultânea de áudio e vídeo geralmente feita por meio das redes sociais.

vivemos um período em que nossas residências se transformaram em espaços para a docência. Espaços esses que não são escolas” (Beineke, 2021, p. 2). Nesse contexto, nos adaptamos ao que chamamos de ensino remoto emergencial.

Diante disso, no presente artigo apresento, por meio de um relato de experiência, a minha prática profissional docente na cidade de Balneário Camboriú durante o ano de 2020, quando ministrei aulas de música para 32 turmas dos anos iniciais do ensino fundamental, com estudantes entre 6 e 10 anos de idade, em meio ao ensino remoto emergencial.

Conforme Matos (2021) apresenta, o ensino remoto emergencial consistiu em uma mudança inédita e provisória na oferta de conteúdos educacionais devido à uma situação de crise, utilizando um ensino totalmente remoto que ocasionou algumas limitações na prática pedagógica musical.

A necessidade de utilizar esse novo formato acarreta questionamentos, principalmente no sentido de como desenvolver as atividades de ensino de música – oriunda de experiências presenciais, práticas e compartilhadas – em um ambiente virtual para aulas previamente elaboradas no formato presencial (Matos, 2021, p. 76).

As 32 turmas para as quais ministrei aulas de música estavam divididas em duas escolas com perfis socioeconômicos distintos. Uma delas estava localizada próximo aos prédios mais altos da “Dubai brasileira”<sup>4</sup>, enquanto que a outra instituição educacional, se encontrava em um dos bairros mais populosos, longe da praia e próxima ao rio Camboriú que nomeia a cidade.

Com a pandemia e o ensino remoto emergencial, o acesso às plataformas digitais se tornou essencial para o vínculo do estudante com a escola. A partir daí foi possível identificar, nos diferentes contextos de cada comunidade, as dificuldades advindas da falta de estrutura e da exclusão digital sofridas por alguns estudantes e o modo como o perfil socioeconômico de cada bairro interferia nesse cenário. Para me referir às escolas em questão, adoto a localização como qualidade de identificação, nomeando assim as mesmas como Escola Central e Escola Periférica<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> *Dubai brasileira* é um apelido utilizado para se referir a cidade de Balneário Camboriú por conta dos prédios altos que lembram a cidade dos emirados árabes.

<sup>5</sup> O termo deriva de Periferia que significa “região distante do centro urbano, com pouca ou nenhuma estrutura e serviços urbanos, onde vive a população de baixa renda”. (Dicionário Michaelis)

O presente trabalho se faz necessário pela importância de registrar a experiência docente diante do contexto do ensino remoto emergencial. Ainda que não estejamos mais inseridos nesse cenário, revisitar e avaliar o modo como a educação lidou com as adaptações necessárias se faz importante para discutir as ferramentas disponibilizadas aos profissionais docentes da escola pública perante situações de instabilidade social. Sob um olhar mais direcionado, o artigo viabiliza abordar essa discussão do ponto de vista de uma professora da escola pública de Balneário Camboriú, compreendendo as diferentes esferas que perpassam essa atuação (socioeconômicas, estruturais, formativas) oferecendo assim materiais para estudos futuros na área da educação musical.

Desse modo, o objetivo do artigo é descrever um relato de experiência da minha atuação enquanto professora de música na rede municipal de Balneário Camboriú durante o ano de 2020 em duas escolas públicas socioeconomicamente distintas; registrar algumas das tentativas diárias de adotar propostas pedagógicas que se aproximam da pedagogia musical ativa considerando os desafios impostos pela pandemia; para, por fim, refletir de que forma o profissional docente da educação musical lidou com as possibilidades pedagógicas durante o ensino remoto emergencial.

O artigo toma como metodologia o relato de experiência, metodologia esta que viabiliza reflexões acerca do meu trabalho docente no período pandêmico proporcionando uma análise imersiva e localizada. Sendo a memória um fio condutor da pesquisa, o relato de experiência é uma modalidade de conhecimento de abordagem qualitativa, “concebida na reinscrição e na elaboração ativada através de trabalhos da memória” (Dalton e De Faria, 2019, p.229).

Diante disso o artigo se organiza em quatro partes, são elas: Introdução; Formatos de ensino adotados no período pandêmico; Práticas pedagógico-musicais nas duas escolas; Considerações finais.

## **Formatos de ensino adotados no período pandêmico**

Com a necessidade de implementar um novo modelo de ensino devido a pandemia de coronavírus, a Secretaria de Educação criou o login de acesso aos professores e utilizando seus

próprios recursos eles acessaram e prepararam a sala virtual, inclusive convidando os estudantes a ingressarem na plataforma. Com o ambiente pronto, os docentes tiveram autonomia para preparar as atividades no ensino remoto podendo fazer uso de atividades assíncronas e síncronas no *Google Classroom*.

Como Moreira e Barros (2020) apresentam, as atividades assíncronas não exigem a presença ou a resposta simultânea dos participantes, enquanto atividades síncronas necessitam que os participantes se encontrem em um mesmo espaço, podendo ser físico ou digital, para se comunicarem entre si. No contexto do ensino remoto emergencial em Balneário Camboriú, atividades assíncronas envolviam, dentre outras coisas, videoaulas, formulários com questões relacionadas aos conteúdos trabalhados, textos e *links* para materiais externos ao *classroom*. No outro formato – atividades síncronas – havia agendamento prévio de um encontro remoto entre o professor e os estudantes, em que cada um acessava um *link* do *google meet*, gerado pelo professor, utilizando seu equipamento eletrônico pessoal.

Aos estudantes que não tinham acesso à internet era ofertado o material impresso, contendo orientações pedagógicas, textos e exercícios preparados previamente pelo professor e disponibilizado aos alunos. O material impresso era entregue aos familiares pela escola em uma data pré-definida e com um prazo de devolução também pré-definido. Os professores tinham cronogramas com os períodos em que deveriam retirar os materiais na escola para realizar as correções e fazer o relatório dos alunos que devolveram os materiais com as atividades realizadas ou não. Houve ainda outra estratégia que foi adotada somente pela Escola Periférica, que também aceitou o envio das atividades via *WhatsApp* como modo de atender aos alunos que não tinham condições de buscar os materiais na escola ou não conseguiam acessar a plataforma educacional *Google Classroom*.

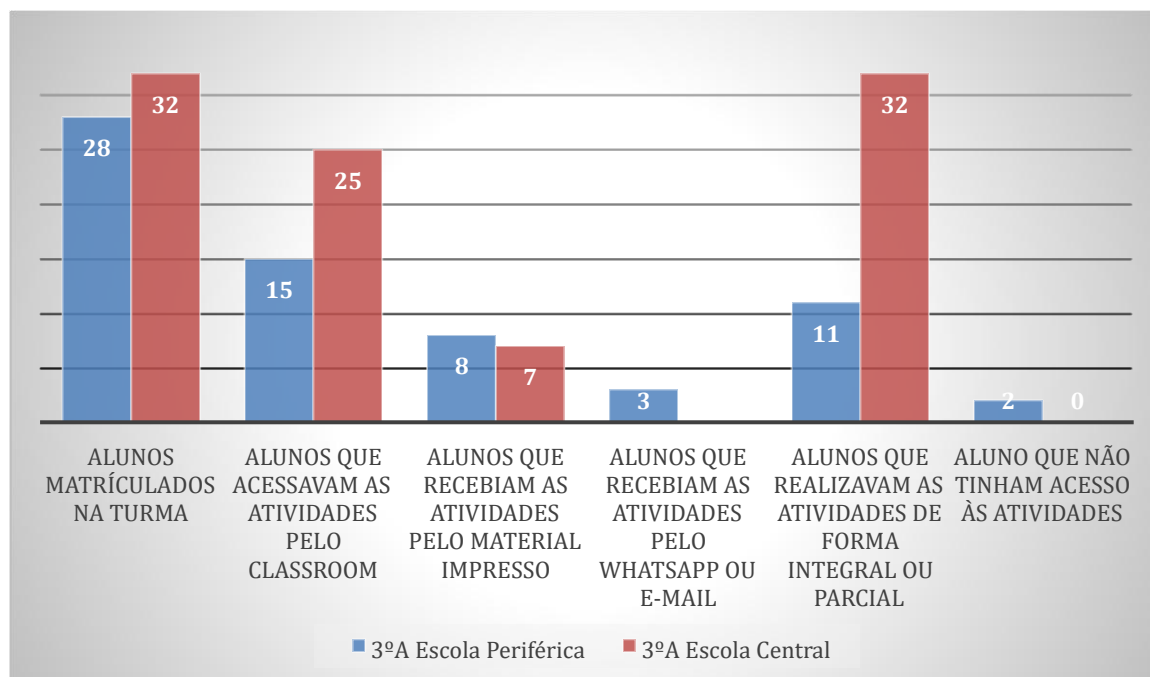
A partir dos relatórios que eram realizados mensalmente pelos professores, foi possível levantar dados relevantes sobre o acesso de duas turmas do 3º ano das escolas Central e Periférica no ano de 2020: o 3º ano A da Escola Periférica contava com 28 alunos matriculados nesse período, sendo 15 deles optantes em realizar as atividades pelo *Classroom* e 8 optantes em realizar as atividades de forma impressa. 3 recebiam os materiais no *WhatsApp* e 2 não apresentavam devolutivas em nenhum meio de acesso. Desse número geral, considerando as

diferentes formas de acesso, foi possível concluir que apenas 11 alunos realizavam integral ou parcialmente as atividades de música.

O 3º ano A da Escola Central apresentava 32 alunos matriculados, 25 estudantes acessavam as atividades pelo *Classroom* e apenas 7 optavam por receber as atividades de forma impressa. Do grupo geral, todos realizavam integral ou parcialmente as atividades de música.

Diante desses dados, apresento a seguir um gráfico para analisar as diferenças de acesso entre as duas escolas, considerando as devolutivas na disciplina de música, no período do segundo semestre de 2020. Vejamos o gráfico a seguir:

**Gráfico 1:** Modos de acesso às atividades das escolas Periférica e Central



Fonte: Elaboração da autora (2024)

O gráfico demonstra que ambas as escolas possuem um número favorável de acessos aos conteúdos educacionais e que a maioria deles se deu por meio da plataforma *Classroom*. Porém, ao analisar as devolutivas da disciplina de música é possível perceber que a turma analisada na Escola Central apresentou 100% de adesão, uma vez que todos os alunos matriculados na turma realizavam as atividades de forma parcial ou integral. Enquanto isso, a turma da Escola Periférica, ainda que apresentasse um número significativo de acesso às atividades, compreendendo 26 dos 28 alunos matriculados, demonstrou uma baixa

participação. Isso pode ser identificado, porque apenas 11 estudantes (equivalente a 39,3%) realizavam as atividades de forma parcial ou integral, enquanto que 17 alunos (equivalente a 60,7%) não realizavam nenhuma devolutiva.

Os motivos que justificam a baixa adesão da turma da Escola Periférica às atividades de música podem estar relacionados a problemas consequentes das dificuldades presentes no processo de implementação do ensino remoto emergencial e que persistiram durante todo o ano letivo, como, por exemplo: a dificuldade de acesso e compreensão do uso da plataforma; a realização parcial das atividades e o envio de atividades incompletas; o envio de atividades que aparentavam não ter sido realizadas pelos estudantes; e atividades difíceis de serem corrigidas devido à baixa qualidade das fotos enviadas à escola.

Além disso, optei por ofertar minha aula na plataforma *Google Classroom* de forma assíncrona, sendo assim gravei videoaulas, áudios e materiais musicais que foram disponibilizados aos alunos semanalmente na sala virtual. Como forma de devolutiva, solicitei que as atividades fossem enviadas preferencialmente em formato de vídeo, para que pudesse avaliar o modo como os alunos interagiam com as propostas pedagógicas. Isso foi um fator que, a meu ver, provocou a baixa adesão da turma na Escola Periférica. Alguns deles relataram ter tido vergonha de gravar os vídeos realizando as atividades musicais, enquanto outros reclamaram da falta de assistência da família durante o estudo.

Esse último fator destaca a importância do suporte familiar nesse processo de adaptação a um novo formato de ensino, seja encaminhando as respostas e atividades concluídas aos professores, seja oferecendo amparo às crianças durante a realização das atividades. Para Matos,

[...] a participação da família é um elemento crucial para o processo de aprendizagem. Muitos alunos, principalmente aqueles que cursam a primeira etapa da educação básica, necessitam de suporte para que as interações virtuais e as atividades sejam realizadas e encaminhadas para o professor. São processos que demandam a mediação dos familiares (Matos, 2021, p. 78).

O papel da família é essencial em qualquer momento da vida escolar de uma criança, porém, diferentes contextos sociais e econômicos dificultaram o amparo que cada estudante teve durante o ensino remoto emergencial. Nesse sentido, foi possível notar que as famílias também enfrentaram uma série de dificuldades, como a falta de conhecimento técnico para

lidar com as plataformas digitais, a falta de recursos eletrônicos para acessar as plataformas digitais, a falta de tempo para acompanhar a criança na realização das atividades, seja por conta do trabalho e afazeres ou por questões relacionadas à saúde. É indiscutível que cada família sofreu com a pandemia de forma muito particular e isso também refletiu no processo educacional das crianças.

Outro fator que pode ser percebido a partir da análise do gráfico se refere aos estudantes que faziam uso do material impresso. Este grupo, apesar de se tratar da minoria dos estudantes, era o mais afetado nesse contexto. Isso porque, em comparação com os recursos da sala virtual, os estudantes que utilizavam o material impresso não tinham acesso às videoaulas, áudios e materiais complementares. Além do que, eles não conseguiam se comunicar com os professores com tanta frequência e sempre dependiam do apoio dos seus familiares, tanto para buscar os materiais na escola quanto para interpretar as atividades propostas no material impresso. Por diversas vezes fui até a escola para buscar as atividades impressas para fazer a correção e não havia nenhum material para recolher, justamente pela dificuldade de deslocamento das famílias ou consequente de cenários de contaminação pelo coronavírus.

Quanto a previsão de fornecimento de material impresso para os inacessados virtualmente cabe ressaltar que é uma garantia importante, mas a logística dos alunos está prejudicada com a pandemia. E mesmo que, se todos nessa condição conseguirem ir à escola, essa medida é potencialmente mais danosa que o ensino remoto, por conta da exposição dos alunos/familiares ao contágio no deslocamento para obtê-lo (Cunha; Silva; Silva, 2021, p.33).

Os dados do gráfico correspondem apenas a duas turmas do 3º ano do ensino fundamental, porém, eles retratam um quadro de desigualdade social que possivelmente se projeta a um contexto macro abrangente. Ao mesmo tempo que o ensino remoto emergencial foi uma estratégia importante para manter as atividades escolares ativas, ele foi excludente e agravou a qualidade de ensino para os estudantes das escolas periféricas.

## Práticas pedagógico-musicais nas duas escolas

Como foi mencionado anteriormente, o ensino remoto emergencial não foi um formato emergencial somente para os estudantes, mas também para o corpo docente que, carecido de

recursos e formação prévia, precisou buscar modos imediatos para lidar com tal mudança. Sendo assim, o que a grande parte dos professores propôs, não foi um ensino pensado exclusivamente para o formato *online*, e sim uma adaptação das aulas já realizadas no formato presencial para o formato remoto. Não bastasse isso, ainda precisamos lidar com a adaptação das atividades para o formato impresso, o que em disciplinas que têm a prática como essencial no processo de ensino-aprendizagem, como é o caso da disciplina de música, pareceu ainda mais desafiador.

Também é importante destacar que muitos critérios do ensino presencial prevaleceram no ensino remoto emergencial, como por exemplo, que as aulas respeitassem os conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares e que o conteúdo da aula fosse o mesmo nos diferentes formatos ofertados, no caso, a plataforma *Google Classroom* e o material impresso.

Apesar de o ensino remoto emergencial não oferecer condições adequadas para um trabalho interativo com todos os estudantes, tal como no ensino presencial, eu estava disposta a buscar modos de utilizar as metodologias ativas nas atividades musicais para propiciar experiências vividas durante as aulas naquele novo cenário.

As aulas de música eram postadas semanalmente na plataforma *Classroom*, disponibilizando vídeos que estimulavam os estudantes a realizarem atividades musicais, algumas delas com auxílio e participação dos familiares. Alguns exemplos de atividades que foram postadas na plataforma durante o período de isolamento social são: Jogos de copos, jogos rítmicos, brincadeiras cantadas e confecção de instrumentos musicais.

Sendo assim, apresento o relato de uma aula realizada no ensino remoto emergencial com as turmas do terceiro ano do ensino fundamental. Essa atividade foi desenvolvida de acordo com as habilidades previstas para os anos iniciais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da disciplina de Arte.

A aula que irei descrever, assim como tantas outras, foi resultado da adaptação de uma atividade que eu costumava realizar no formato presencial e está de acordo com as habilidades previstas na BNCC, em especial a que corresponde aos elementos da linguagem de

música<sup>6</sup>. Cabe ainda dizer que esta atividade compreende enquanto método a pedagogia musical ativa. Sobre essa última:

A experiência direta com a música a partir da vivência de diversos elementos musicais é o que caracteriza os métodos ativos de educação musical. Nesta perspectiva, o aluno participa ativamente dos processos musicais desenvolvidos em sala de aula, processos estes que oportunizam o contato com várias dimensões do fazer musical (De Figueiredo, 2012, p.85).

Um dos pilares da metodologia musical ativa é ensinar música fazendo música. Contudo, o grande desafio que identifiquei foi levar uma atividade que eu considerava bem-sucedida, que era sustentada por esse pilar, para esse novo formato de ensino imposto pelo contexto de pandemia.

A atividade em questão pode ser considerada uma atividade rítmica, já que tem como desafio executar uma sequência rítmica durante toda a música. Na adaptação para o contexto remoto, pude notar, de imediato, a ausência de dois elementos que eram indispensáveis na condução da atividade no formato presencial, são eles: os instrumentos e o grupo. Sendo assim, os instrumentos foram substituídos por materiais alternativos presentes nas casas dos estudantes, e a brincadeira de ser maestro e maestrina foi retirada da sequência pedagógica, de modo a manter a dinâmica centrada na execução rítmica que poderia ser realizada de forma individual.

O material nomeado como "Atividade 08 –Mozart" foi postado no dia 19 de maio de 2020 na plataforma *Classroom*, contendo um vídeo explicativo<sup>7</sup> produzido por mim, áudios e *links* com materiais complementares. O vídeo explicativo foi o modo que encontrei para me conectar aos estudantes, explicar o conteúdo e demonstrar formas de realizar as dinâmicas propostas na aula. No vídeo produzido para esta aula consta uma apresentação da sequência rítmica, a solicitação da execução da mesma pelos estudantes com o uso de materiais alternativos que emitissem sons, uma breve apresentação sobre a história de Mozart e algumas de suas principais obras. Para finalizar, ainda no vídeo demonstrei como executar a sequência rítmica para acompanhar a obra *Rondó Alla Turca*. Para que eu pudesse acompanhar

---

<sup>6</sup> A saber: Habilidade (EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical (BNCC, 2018).

<sup>7</sup> Atividade do Mozart, disponível em: [https://youtu.be/zltbtjTGi\\_A](https://youtu.be/zltbtjTGi_A)

a execução deles, foi solicitado que os alunos encaminhassem vídeos executando a sequência rítmica acompanhando a mesma obra.

Os alunos que costumavam realizar as atividades com frequência enviaram vídeos executando a sequência rítmica. Em algumas devolutivas foi possível perceber a dificuldade de manter o ritmo em toda a obra musical, o que é comum mesmo no ensino presencial, porém, diferente desse último, com a distância e impossibilidade de uma comunicação imediata, não foi possível sanar as dificuldades apresentadas pelos estudantes no ensino remoto emergencial.

Em outro sentido, foi possível notar que os alunos que tinham mais facilidade na compreensão e execução dos exercícios pareciam ter maior suporte familiar. Nesses casos, foi possível notar a participação dos familiares em todo o processo, pois eles tocavam a sequência rítmica com a criança, auxiliavam na gravação do vídeo e adicionavam comentários na plataforma sobre a dinâmica e os materiais complementares disponibilizados para os estudantes.

Infelizmente os mais prejudicados na realização dessa aula foram os estudantes que faziam uso do material impresso. Já era desafiador encontrar estratégias para adaptar as atividades pedagógicas musicais do formato presencial para o *online*, e isso se agravava ainda mais no processo de adaptação das atividades do formato *online* para o material impresso. Nós, professores, estávamos proibidos de inserir *links* ou solicitar que o estudante assistisse a algum vídeo para escutar uma música, mesmo porque se a criança estava recebendo as atividades naquele formato era justamente por não ter acesso à internet ou a algum recurso eletrônico.

Sendo assim, na adaptação dessa aula em questão, a única forma que encontrei foi a de disponibilizar a história de Mozart no material teórico e adicionar um desenho para colorir. Ou seja, na adaptação da aula para o material impresso, acabei por manter apenas o conteúdo histórico e não consegui encontrar modos de oferecer uma vivência musical como foi feito com os alunos que utilizavam a plataforma *Google Classroom*, o que foi extremamente frustrante para mim.

A seguir, vê-se a atividade ofertada aos alunos que faziam uso do material impresso:

Figura 1 – “Atividade 08 – Mozart” adaptada para o material impresso


Professora: ~~Luisa~~ **Cristina Louisa**  
Disciplina: Música  
Data: 19/05/2020  
Aluno (s): \_\_\_\_\_ Turma: 3º ano \_\_\_\_\_

**ATIVIDADE 08 – MOZART (1756- 1791)**

**Observação:** Copiar ou colar no caderno de música.

Mozart, aos 5 anos de idade, tocava maravilhosamente piano e realizou sua primeira composição **instrumental**, “Minueto em Sol”. Encantado com o potencial de seu filho, o pai de Mozart o levou para uma turnê pela Europa, fazendo-o perder toda a sua infância. Já na fase adulta, casado e com filhos, Mozart compôs algumas óperas famosas, sua última composição foi “A Flauta Mágica” e meses após sua estreia, adoeceu e faleceu com apenas 35 anos de idade.

Mozart, morreu deixando 675 obras, uma delas a sonata para piano K.331, na qual o último movimento “Allegretto” é uma das músicas mais conhecidas no mundo.



Fonte: acervo pessoal da autora (2020)

O que percebo ao analisar a adaptação dessa aula para cada formato utilizado no ensino remoto emergencial é o estabelecimento de uma relação desigual com os estudantes. Com os alunos que faziam uso da plataforma *online*, eu ainda pude usar de recursos da educação musical ativa, ainda que de forma limitada, pois por meio das atividades, solicitava que as crianças batucassem utilizando o corpo ou materiais alternativos, brincassem com jogos musicais com seus familiares e me encaminhassem vídeos realizando as atividades para que

eu pudesse avaliar o seu aprendizado. O que, de certa forma, também manteve um vínculo entre os estudantes e eu, mesmo através das telas.

Contudo, sinto que eu não consegui ter a mesma experiência com os estudantes que utilizavam o material impresso, em consequência a falta de recursos tecnológicos e didáticos para lidar com aquele formato. Analisando esse cenário, acredito que em nenhum momento consegui fazer uso da pedagogia musical ativa com as crianças por meio do material impresso, e ainda que de alguma forma esse material tenha estimulado as crianças a vivenciarem a música na prática, eu sequer saberia, pois não há nenhuma comprovação, justamente porque o retorno dos estudantes também estava limitado a caber em uma folha de papel.

## Considerações finais

O artigo se sustenta a partir do ponto de vista do profissional docente, descrevendo as estratégias pedagógicas tomadas durante o ensino remoto emergencial e refletindo sobre seus resultados. Essa abordagem também busca humanizar o trabalho desenvolvido pelos professores que estiveram muito vulneráveis durante o contexto pandêmico. Sobre esse último aspecto, Dulce Márcia Cruz apresenta algumas das sensações compartilhadas entre os professores durante o ensino remoto emergencial.

[...] estresse, cansaço, insônia, depressão, ansiedade, desorientação, aumento na carga de trabalho, crise de identidade, tentativa de manter a mesma maneira de ensinar. A ideia de multitarefa, representada pela quantidade de coisas que os professores passaram a se responsabilizar, além do que já faziam antes, acabou sendo a representação docente do chamado ensino remoto emergencial (Cruz, 2021, p.50).

Eu, por exemplo, assim como na citação, insisti por muito tempo em manter, no ensino remoto emergencial, a mesma maneira de ensinar que eu adotava no ensino presencial, por acreditar que, de alguma maneira, era possível levar uma educação musical baseada no pilar da metodologia ativa mesmo de forma remota. Lembro-me de receber algumas devolutivas que alimentavam a ideia de que eu estava conseguindo utilizar o método ativo de modo bem sucedido, como vídeos e relatos de brincadeiras musicais que reuniam os familiares para fazer música, bater, adivinhar os sons, cantar e construir instrumentos musicais juntos. Receber registros como esses era satisfatório, ainda mais considerando os desafios e dificuldades para ofertá-los.

Porém, essa satisfação não foi alcançada em todos os momentos. De todas as adversidades, o que mais me deixava angustiada era a impossibilidade de oferecer, ainda que minimamente, uma experiência musical ativa por meio do material impresso. Em muitos momentos ofereci aulas muito diferentes em cada formato, como é possível identificar na atividade relatada anteriormente neste artigo.

Enquanto professora, era muito frustrante identificar a disparidade na qualidade das atividades ofertadas, ainda mais compreendendo os fatores socioeconômicos que atravessavam. Eu sempre soube que essa diferença alimentava cada vez mais a desigualdade na qualidade do ensino para um determinado grupo de estudantes, no caso dos grupos abordados neste artigo, os estudantes da escola periférica.

Atualmente, sob um olhar distanciado do contexto que discuto neste texto, percebo com maior clareza que a culpa não reside no profissional docente, mas na falta de amparo do estado, principalmente com as comunidades periféricas. Neste artigo foram citadas duas escolas públicas municipais de uma mesma cidade, e mesmo assim as respostas perante a oferta do ensino foram muito distintas.

Portanto, as considerações finais ganham um caráter de provocação, no intuito de seguir investigando e discutindo caminhos pelos quais a escola pública poderia se preparar para lidar com os contextos de adversidades, a fim de minimizar a desigualdade na qualidade do ensino ofertado entre estudantes de classes sociais distintas.

## REFERÊNCIAS

BEINEKE, Viviane. *Aprendizagem musical criativa em tempos de pandemia:(re) compondo perspectivas e (im) possibilidades*. Revista Orfeu, v. 6, n. 2, p. 30-47, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

CRUZ, Dulce Márcia. *O professor midiático em tempos de pandemia: novos conteúdos e habilidades, desafios e possibilidades criativas*. Educomunicação em tempos de pandemia: práticas e desafios, p. 48, 2021.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. *O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação*. Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020.

DALTRO, Mônica Ramos; DE FARIA, Anna Amélia. *Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. Estudos e pesquisas em psicologia*, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.

DE FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira. *A educação musical do século XX: os métodos tradicionais*. MINISTÉRIO DA CULTURA E VALE APRESENTAM, p. 85, 2012.

MATOS, Ronaldo. *Possibilidades de ensino remoto de música na educação básica baseadas no material Música Br*. Música na Educação Básica, v. 10, n. 12, 2021.

MOREIRA, Darlinda; BARROS, Daniela Melaré Vieira. *Orientações práticas para a comunicação síncrona e assíncrona em contextos educativos digitais*. Repositório Aberto UAB, 2020.

OPAS. OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia. *Notícias Organização Pan-Americana da Saúde*. 2020. Disponível em: <[OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde \(paho.org\)](https://paho.org)>. Acesso em: 10 jul. 2024.

PREFEITURA DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ. Ensino a distância na Rede Municipal de BC já ultrapassa 11 mil acessos. *Imprensa Balneário Camboriú*. 2020. Disponível em:<[Ensino a distância na Rede Municipal de BC já ultrapassa 11 mil acessos](#)>. Acesso em: 03 jul. 2023

PREFEITURA DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ. Cerca de 12 mil alunos da rede municipal de ensino têm aulas on-line. *Imprensa Balneário Camboriú*. 2020. Disponível em:<[Cerca de 12 mil alunos da rede municipal de ensino têm aulas on-line \(bc.sc.gov.br\)](#)>. Acesso em: 03 jul. 2023